

III Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Temuco, 1998.

A Dimensão Política do Trabalho do Antropólogo.

Cássio Norohna Inglez de Sousa.

Cita:

Cássio Norohna Inglez de Sousa. (1998). *A Dimensão Política do Trabalho do Antropólogo. III Congreso Chileno de Antropología. Colegio de Antropólogos de Chile A. G, Temuco.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/iii.congreso.chileno.de.antropologia/34>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/evbr/vvt>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

A Dimensão Política do Trabalho do Antropólogo

Cássio Noronha Inglez de Sousa*

Apresentação

"Tranqüilizar tem sido a tarefa dos outros; a nossa (dos antropólogos) tem sido a de inquietar. Australopitecos, Tricksters, Cliques, Megalitos - apregoamos o anômalo, traficamos o estranho. Mercadores da perplexidade." Geertz (1988: 17)

Apesar da ampla diversidade teórica, metodológica e conceitual que envolve a Antropologia desde seu início, podemos considerar que a busca do conhecimento sobre diversos aspectos de outros povos e culturas e sua posterior interpretação pelos estudiosos tem sido o esteio principal da disciplina. A figura do "mercador do exótico", construída por Geertz marca essa característica da Antropologia e do ofício do antropólogo: trazer informações **das** sociedades estudadas **para** seus leitores na sociedade ocidental.

As pesquisas realizadas pelo antropólogo, no entanto, implicam relações sociais concretas. Desta forma, como em todas as relações, essas pesquisas envolvem agentes sociais movidos por interesses e objetivos próprios. As populações pesquisadas apresentam explícita ou implicitamente suas demandas, tornando dinâmica a relação com o pesquisador. Se o antropólogo vai a campo em busca de informações, dados ou vivência para poder realizar sua tarefa profissional, também os índios buscam "coisas" do antropólogo: presentes, dinheiro, informações, conhecimento, projetos etc. Portanto, é ilusória a idéia de "neutralidade" da pesquisador. A presença em campo torna difícil ao antropólogo ser apenas "observador" de uma realidade, pois o contato com os sujeitos de pesquisa⁽¹⁾ o coloca em relação social. Sua presença também o engaja em

redes de relação mais amplas que esse sujeito estabelece com outros agentes sociais. Conceber a pesquisa nessa perspectiva de relação social é estar ciente da dimensão política do trabalho do antropólogo. Por certo reconhecemos que a dimensão política do trabalho do antropólogo abrange outros aspectos, interdependentes entre si: participação em manifestações pró-índigenas, a militância política, prestação de serviço para o governo ou para a comunidade, apropriação de sua produção acadêmica. Para os interesses deste trabalho, entretanto, será abordada a dimensão política decorrente das relações estabelecidas entre antropólogo e sujeito de pesquisa, levando em conta seus interesses, demandas e estratégias.

Como pesquisar populações frente às demandas que apresentam em relação ao trabalho antropológico? Qual o impacto teórico, conceitual, metodológico e de representação do desenvolvimento de pesquisas junto a populações indígenas conscientes do trabalho antropológico? Qual será o interesse que as populações pesquisadas tem a partir da pesquisa etnográfica?

Essas questões representam o núcleo fundamental deste trabalho, cuja elaboração foi estimulada pela pesquisa que desenvolvo junto aos Kayapó Gorotire⁽²⁾. Dialogando com minha experiência, serão apresentadas as experiências de três antropólogos que discutiram suas relações com os sujeitos de pesquisa. A partir daí, será traçado um breve histórico do contato dos Kayapó Gorotire com a sociedade nacional e a experiência de alguns antropólogos nesse contexto. No final discutirei as questões acima pontuadas utilizando as experiências concretas expostas.

*Universidade São Paulo - Brasil

⁽¹⁾O termo "sujeito de pesquisa" estará sendo utilizado no decorrer deste trabalho em consonância com a concepção de que as populações estudadas são agentes de sua própria história, portanto movidos por interesses, objetivos e estratégias. "Sujeito de pesquisa", portanto, é mais adequado do que "objeto" para representar essa concepção.

⁽²⁾Pesquisa para o Programa de Mestrado em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, iniciada em 1996, cuja temática envolve o contexto relacional Kayapó, ou seja, a rede de relações sociais estabelecidas entre essa população indígena e agentes diversos da sociedade nacional.

Os Kayapó

e a pesquisa de campo:

O quadro de populações indígenas brasileiro é bastante diverso. Segundo Ricardo (1996) são 280.000 índios, divididos entre cerca de 200 povos, falando aproximadamente 170 línguas diferentes. São inúmeras e diversas formas de organização social e política, modos de produção e redistribuição econômica, conhecimento e utilização dos recursos naturais, relação com outras populações indígenas, processo histórico de colonização e situação atual de interação com as instituições estatais e com o mercado econômico.

Classificados entre os Jê do Norte⁽³⁾, os Kayapó são cerca de 5000 indivíduos que vivem num território de 13 milhões de hectares no Brasil Central, divididos em 7 Áreas Indígenas demarcadas pelo governo brasileiro. Eles dividem-se em quatro sub-grupos, cada qual composto por várias aldeias, política e economicamente independentes entre si⁽⁴⁾, apresentados a seguir:

Sub-grupo Kayapó do sul do Pará (Goroti-re): Aldeia Gorotire (1180 habitantes), Kikretum (440 hab.), Kubenkranehn (260 hab.), Kokraimoro (303 hab.), A'úkre (142 hab), Moikarakô (187 hab.), Tekreyarotire (30 hab.) e Karara ô (30 hab).

Sub-grupo Mekragnoti: Aldeia Kubenkàkre (400 habitantes), Baú (128 hab) e Pukanú (227 hab.)

Sub-grupo Metuktire: Aldeia Kapot-Roikore (320) e Cachoeira (250 hab)

Sub-grupo Xikrin: Aldeia Cateté (555 habitantes), Bacajá (310 hab) e Trincheira (80 hab)

A presença dos Kayapó nas cidades da região é cada vez mais intensa. São Félix do Xingu, Tucumã, Altamira, Carajás, Colider, Castelo dos Sonhos, entre outras, fazem parte do universo Kayapó contemporâneo. É a cidade de Redenção, entretanto, que atrai a maior

quantidade de Kayapó, em especial os Gorotire⁽⁵⁾.

Os sub-grupos e aldeias Kayapó, bem como os jê do Norte em geral, são originários de um grupo comum que passou a se dividir e dispersar principalmente a partir da penetração dos colonos brasileiros em seu território tradicional no século XVIII (Verswijver:1992). Esse dinâmico processo histórico de faccionalismo se mantém, o que provavelmente acarretará em novas modificações ao quadro geral das aldeias (Oliveira Junior:1995). Nesse processo é fundamental a influência da dinâmica de relações entre os Kayapó e os diversos agentes Kuben⁽⁶⁾ com os quais mantêm contato.

Esta dinâmica de relações caracteriza o "Contexto Relacional" Kayapó Gorotire. Sendo este o objeto de minha pesquisa de mestrado, acompanhei os índios em uma série de locais e situações relevantes para seu contexto relacional: assistência da Fundação Nacional do Índio⁽⁷⁾ (Funai) na aldeia e na cidade de Redenção, as articulações inter-aldeias, operacionalização de projetos de desenvolvimento, viagens à outras cidades (Brasília, Conceição do Araguaia, Belém etc), contato com exploradores regionais (madeireiros, garimpeiros⁽⁸⁾ etc), processo de análise para ampliação da terra Kayapó, situação dos estudantes Kayapó na cidades etc. Essa "participação observante" do contexto relacional Kayapó Gorotire foi muito pautada pelo questionamento dos índios sobre o escopo de meu trabalho e das possíveis contribuições que poderia trazer-lhes. Minha presença na aldeia, cerimoniais, reuniões e outras ocasiões era geralmente vinculada a um processo prévio de declaração de intenções e negociação.. Por diversas vezes, me comprometi com algum tipo de retribuição: redação de documentos, apoio logístico, explicações diversas etc. Como me disse um Gorotire certa vez:

"Você pode fazer sua pesquisa, os Kayapó vão te ajudar, mas você também tem que ajudar os Kayapó, tem que fazer coisas pela gente."

⁽³⁾Obedecendo a classificação geral das populações indígenas que ainda inclui outros grandes grupos como os Tupi, Pano, Aruak, Karib etc. Além dos Kayapó, os Jê do Norte são formados pelos Timbira Orientais (Apaniekra, Ramkokamekra, Krikatí, Krahô), Timbira do Oeste (Apinayé), Suyá e Panará.

⁽⁴⁾Informações colhidas junto a Administração regional da Funai de Redenção e Altamira, em Ricardo (1996) e com Andres Salanova, pesquisador e mestrando em ligüística pela Universidade de Campinas.

⁽⁵⁾Entre março e junho de 1998, estimo que houvesse cerca de 500 Kayapó em Redenção.

⁽⁶⁾Kuben é o termo utilizado pelos Kayapó para se referir ao não indígenas, ou "homem branco".. Utilizarei este termo no decorrer do texto para me referir aos agentes da sociedade brasileira.

⁽⁷⁾Órgão indigenista oficial brasileiro, responsável pela tutela e assistência das populações indígenas. A administração central do órgão fica sediada em Brasília e a assistência aos índios é coordenada através de representações regionais do órgão. Os Kayapó Gorotire são assistidos pela Administração Regional de Redenção que, desde 1996 é chefiada por administradores Kayapó.

⁽⁸⁾O termo garimpeiro refere-se ao minerador que utiliza técnicas rudimentares de extração de minério. Boa parte do processo é realizado manualmente e implica esforço enorme e condições de trabalho extremamente desgastantes. Apesar disso tudo, a atividade é considerada uma forma viável de se ganhar muito dinheiro rapidamente, dependendo da sorte de encontrar o minério.

Certamente que a experiência prévia dos Kayapó com outros antropólogos serviu de base para essas cobranças concretas. Esse processo foi marcante para minha pesquisa, orientando-a e demarcando o processo de contato com os Kayapó. É possível, entretanto, que essas considerações sejam reflexo de uma experiência extremamente pessoal. É possível também que este seja um "estilo" próprio dos Kayapó. Porém, cito três antropólogos que abordaram a questão da pesquisa como relação social. São eles Anthony Seeger, Mariana K L Ferreira e Dominique T Gallois.

A experiência de outros antropólogos

Seeger (1987) dedica suas análises ao papel da música entre os Suyá do Brasil Central. Porém, o autor dá grande destaque ao processo de relação que travou com os índios durante sua pesquisa: dificuldades iniciais, o estreitamento das relações com os índios e a posterior intimidade criada com a comunidade. Mostra que esse estreitamento de relações foi muito importante para a pesquisa, cuja consolidação fundamentou-se em seu caráter recíproco:

"All of my research would be two-sided. We (o antropólogo e a esposa) would be watched, studied, evaluated and discussed just as I was watching, writing, and discussing." Seeger (1987:22).

Seeger afirma que é cada vez mais importante para os antropólogos demarcarem sua utilidade junto às populações que pesquisam. Mesmo que algumas dessas populações não tenham noção sobre o escopo do trabalho antropológico, exercerão cobranças para quem as estiver pesquisando. Além disso, essa demarcação ajuda a superar uma postura colonialista e de dominação. Em sua experiência pessoal, procurou deixar claro que os Suyá sabiam o que queriam dele e assim orientaram sua ação em campo:

"Increasingly anthropologists are being asked 'what can you do for us?' by the people whose society they are doing research on. It is sometimes a disturbing question but generally a healthy one, indicating no end to some forms of colonial domination. The Suyá never asked us this question, partly because they knew what they wanted us for: we could become 'their Whites', bring them things they wanted, treat the sick, answer questions they had about our world, and sing for them." Seeger (1987:23)

A antropóloga Dominique Gallois realiza sistemática pesquisas junto aos Waiãpi do estado do Amapá desde meados da década de 70. É professora da Universidade

de São Paulo e coordenadora de projetos no Centro de Trabalho Indigenista (CTI), organização não-governamental indigenista brasileira. No processo de sua pesquisa, a antropóloga percebeu as demandas Waiãpi, principalmente no que se refere a ao seu universo de contato com os brasileiros. A demarcação do território indígena, a expulsão dos garimpeiros da área indígena, o desenvolvimento de projeto de extração manual de ouro foram algumas dessas demandas. A participação da antropóloga nessas atividades foi em parte motivada pelas requisições dos Waiãpi:

"Foi no contexto do acompanhamento da regularização fundiária daquela Área Indígena (AI) e das iniciativas tomadas pelos Waiãpi para manter a área livre de invasores, que solicitaram nosso apoio (de Gallois), enquanto assessores, para implantar um programa que lhes garantisse, a longo prazo, a exclusividade na exploração de suas terras." Gallois (1993: 26).

Além disso, a antropóloga ainda foi responsável pelo programa de educação, que tinha o objetivo de instrumentalizar os índios para lidar com o mundo dos brancos. Atualmente, jovens "embaixadores" Waiãpi tratam com os assuntos de articulação interétnica e interinstitucional embaixados, em grande medida, pela capacitação proporcionada pelo programa. Há, ainda o Projeto Vídeo nas Aldeias, coordenado pelo CTI, que produziu vários vídeos sobre os Waiãpi e capacitou alguns índios na utilização de câmeras e elaboração de filmes.

Esse extenso mas incompleto *portfolio* de atividades desenvolvidas pela antropóloga deve-se, em grande parte, a uma postura pessoal de engajamento e dedicação aos Waiãpi; porém não podemos desconsiderar o importante papel que desempenham as demandas e cobranças feitas pelos próprios índios. Isso é sentido pelas novas gerações de pesquisadores que são cobrados pelos Waiãpi a participar de atividades de apoio em paralelo ao trabalho de pesquisa.

O trabalho de Mariana Kawall L Ferreira junto aos Yurok, que resultou em sua tese de doutorado, é fruto de um longo processo de diálogo aberto entre a antropóloga e os índios. A pesquisadora passou por um verdadeiro "exame de seleção" yurok, que incluiu visita a alguns pontos da área indígena, comentários sobre situações específicas ali encontradas e definição precisa dos interesses da pesquisa.

Após a aprovação nessa fase, os Yurok apresentaram os temas de pesquisa de seu interesse. A antropóloga optou pelo estudo da diabetes entre os Yurok, cuja incidência é muito alta entre esses índios. As bases da

pesquisa foram normatizadas em contrato assinado entre pesquisadora e os índios, que incluía o acompanhamento regular dos resultados do trabalho, palestras informativas sobre assuntos diversos e uma avaliação final do trabalho em assembléia Yurok.

Esse procedimento tem raízes em pesquisas e publicações anteriores de antropólogos sobre os Yurok, principalmente alguns escritos de Alfred Kroeber e de outros pesquisadores (antropólogos e psicanalistas) nas décadas de 20 e 30. Os índios atribuem a estas publicações uma série de discriminações e práticas do governo que muito prejudicaram suas comunidades. Por isso, os Yurok estabelecem com clareza as obrigações dos pesquisadores, certificando-se que seu trabalho lhes seja útil, como explica Ferreira (1996):

"The negotiations between United Indian Health Service (UIHS) and myself at the start of the research process were also shaped by the Yuroks', Karuks', Hupas', Tolowas' and Wiyots' previous experiences with anthropologists. "Anthropology and Kroeber", said UIHS's Executive Director Jerry Simone, during our first meeting, "are dirty words around here." A research proposal and samples of my written work were submitted to UIHS, and in april 1994 its Board of Directors gave me the permission to carry out a "mutually agreeable program": "We realize you will be doing this research to obtain your PhD. Degree. However, on our side, we expect to receive insightful information on our population group that will help us in the future"" Ferreira (1996: 19)

A pesquisadora parece ter tido êxito, dadas as deferências que recebeu dos Yurok: certificado de apreciação pelos serviços prestados às comunidades indígenas da Califórnia (recebida em audiência oficial dos conselheiros tribais do estado), direito de publicar sua tese, concedido pelos índios, além do convite formal de continuidade dos trabalhos junto aos índios norte-americanos.

Esses três exemplos são muito diversos. Versam sobre populações indígenas de características linguísticas e culturais, trajetórias e históricos de contato com a sociedade nacional muito distintos. Foram realizados em momentos distintos: Anthony Seeger na década de 70, Dominique Gallois desde fins dos anos 70 até hoje e Mariana Kawall Ferreira na segunda metade da década de 90. As temáticas pesquisadas pelos autores também são muito diversas bem como a relação estabelecida com as populações pesquisadas. Apesar disso, cada um a seu modo percebeu a dimensão política de seu trabalho junto a essas populações. Orientaram sua pesquisa e atuação prática a partir da vivência e do diálogo com os

sujeitos de pesquisa, seus interlocutores indígenas.

Esse diálogo talvez não estivesse no planejamento inicial das pesquisas. As demandas indígenas, vivenciadas em campo, foram decisivas para o estabelecimento desse diálogo. Nos três exemplos acima descritos, podemos identificar um elemento comum nas demandas indígenas em relação aos antropólogos: apoio na disponibilização de instrumentos úteis para engajar-se menos assimetricamente nos contextos relacionais mantidos com a sociedade nacional. É interessante, portanto, que os antropólogos conheçam o contexto relacional de seu sujeito de pesquisa, pois é sobre ele que versam as demandas indígenas.

Aplicando essa consideração ao meu trabalho, apresentarei brevemente a seguir a dinâmica histórica do contexto relacional Kayapó Gorotire dos últimos 30 anos, período no qual intensificou-se o contato com agentes da sociedade nacional. Entremeado nessa descrição, localizarei o trabalho dos antropólogos, seja de pesquisa como de atuação prática. Os Gorotire serão priorizados, embora menções a outros Kayapó também serão feitas. Essa descrição, articulada às experiências dos antropólogos acima citadas, servirão de base para a elaboração de considerações gerais sobre a dimensão política do trabalho do antropólogo.

Os Kayapó

e o trabalho dos antropólogos

Contatos com extratores de castanha-do-pará, tropeiros e produtores de borracha, missionários e agentes do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) eram as principais relações que os índios estabeleciam com os Kuben até meados da década de 70. Desde o início do século até este momento, as várias comunidades Kayapó passaram por um processo de paulatina aproximação dos Kuben, após períodos de grandes conflitos.

O trabalho prático dos missionários e dos agentes oficiais consistia em fixar as comunidades em aldeamentos perenes, estimular atividades produtivas, garantir assistência médica contra as várias epidemias que assolavam as comunidades recém-contactadas além de garantir as boas relações com a população regional.

Os primeiros pesquisadores a estudarem os Kayapó Gorotire foram Kurt Nimuendaju (década de 30) e Simone Dreyfus (anos 50). Apesar disso, os primeiros trabalhos a apresentar discussões etnográficas mais acuradas sobre os Gorotire foram os de Terence Turner e Joan Bamberger. Iniciados na década de 60, no contexto do Harvard Central Brazil Project (HCBP)⁽⁹⁾, foram pioneiros

de um período de intensa etnografia junto aos Kayapó em geral⁽⁹⁾. Naquele momento, entretanto, não foi problematizada a relação entre antropólogo e comunidade estudada no contexto das reflexões antropológicas, como mostra Turner (1991):

"At the time of my first fieldwork, I did not think of the stance of methodological objectivity and non-interventionist "participation" that I adopted as a function of the alienating colonial relation of the Kayapó to Brazilian Society" Turner (1991: 303)

Em sua opinião, perceber a sociedade indígena como radicalmente díspar em relação à sociedade nacional fez com que as análises antropológicas desconsiderassem interações "culturalmente significativas" e "politicamente criativas" entre essas duas sociedades. Os trabalhos antropológicos do período proporcionaram minuciosas análises da estrutura socio-cultural Kayapó, mas pouco se referiam às conexões com o contexto relacional regional. A antropóloga Lux Vidal, entretanto, já apontava para a relevância dessas conexões, bem como do impacto relacional da presença do antropólogo em campo:

"Durante a minha estada entre os Xikrin, sempre me hospedei em casa de Bemoti e Nhiok-pú. (...) O que Bemoti queria é que eu me sentisse bem entre eles já que eu mostrava tanto interesse a respeito dos Xikrin, e que todos gostassem de mim. Quanto a mim, sempre deveria voltar trazendo as encomendas que me faziam, informar a respeito da demarcação do território e o que eles tinham a dizer, ligando-me de algum modo aos interesses de seu povo compensando, finalmente, o que estava implícito no próprio trabalho antropológico, quando tratei de identificar-me aos Xikrin, para, no meu próprio interesse, melhor estudá-los" Vidal (1977: 12)

Como já foi dito, a partir da segunda metade do século atual a maioria dos sub-grupos Kayapó já haviam estabelecido relações pacíficas com a população

regional. Durante a década de 60, período das pesquisas do HCBP, as comunidades Kayapó ainda mantinham um relativo isolamento da sociedade nacional. Com a chegada dos anos 70, no entanto, intensifica-se a ocupação regional, através da construção de estradas, consolidação de grandes projetos agro-pecuários e migração de colonos.

No início dos anos 80 a pressão sobre o território Kayapó aumenta ainda mais, principalmente devido à consolidação de grandes fazendas no entorno de suas terras e à "corrida do ouro", que o sul do Pará vivenciou naquela ocasião. Os Gorotire foram os mais afetados, devido ao garimpo Cumarú, aberto a poucos quilômetros da aldeia. Em poucos meses, entre 1980 e 81, milhares de pessoas se instalaram na região. A busca descontrolada por melhores locais para extração do mineral fazia com que os garimpeiros se aventurassem para além dos limites do garimpo, adentrando no território tradicional indígena. Isso gerou encontros ocasionais, muitas vezes violentos com as expedições realizadas pelos Gorotire.

Apesar da resistência inicial dos índios em relação a implantação do garimpo em sua área, a Funai oficializou a atividade através de convênios e contratos oficiais. Neles, ficou determinado que 0,1% do montante total de ouro comercializado seria destinado aos Kayapó Gorotire. Acostumados a obter mercadorias dos Kuben através dos escassos recursos advindos de pequenas trocas e da venda de castanha-do-pará, os Gorotire passam a receber quantias de bens e de dinheiro infinitamente maiores com a renda da venda do ouro.

Paralelamente a esse processo, é iniciada a retirada clandestina de madeira da área Kayapó, realizada por fazendeiros da região. Algumas apreensões foram efetuadas pela Funai entre 1982 e 83, quando, novamente, a presidência da instituição oficializou a extração através de licitação pública. Oitenta mil metros

⁽⁹⁾Além de Turner e Bamberger, Maybury-Lewis (79) aponta os outros pesquisadores envolvidos no Projeto: Roberto da Matta que pesquisou os Apinajé desde 1962. Júlio César Melatti pesquisou os Krahô desde 1962. Julian Carter Lave e Dolores Newton iniciaram as pesquisas com os Krikatí em 1963. Christopher Crocker começou sua pesquisa com os Bororo em 1964. Finalmente, Cecil Cook iniciou sua pesquisa com os Nambikwara em 1966.

O HCBP foi baseado na abordagem simultânea e coincidente de determinadas questões em populações indígenas Jê do Brasil Central, para posterior análise comparativa. O projeto foi estabelecido com o objetivo de discutir algumas questões da Antropologia que envolviam as populações indígenas Jê, entre elas a "anomalia Apinajé" e a discrepância entre a "relativa pobreza material e tecnológica e comparação a elaborada organização social. Um dos pressupostos do HCBP era o de essas questões teriam sua causa na deficiência dos dados etnográficos de até então. Para uma discussão mais detalhada do Projeto ver Gordon (1996).

⁽¹⁰⁾Entre os diversos pesquisadores que trabalharam junto a grupos Kayapó a partir do início dos anos 60, as de maior destaque foram: Lux Vidal, que iniciou sua pesquisa sobre a organização social dos Xikrin do Cateté em 1969, Gustaav Verswijver, pesquisou principalmente a Etnohistória dos Kayapó Mekrãnoti. Vanessa Lea, que iniciou suas pesquisas sobre a organização social e parentesco dos Kayapó Mekrãnoti-Txukarramãe em 1977 e Darrell Posey que trabalhou sobre a Etnoentomologia dos Gorotire a partir de 1978. Além desses pesquisadores podemos citar os antropólogos William Fisher, Dennis Werner e Isabelle V. Giannini e suas pesquisas, realizadas em grande parte durante a década de 80. Mais algumas teses foram e estão sendo escritas sobre diversos grupos Kayapó durante a década de 90.

cúbicos de mogno foram extraídos em 1984, em troca da construção de estrada ligando o Gorotire ao Projeto Cumaru, de onde seguia estrada para a recém-criada cidade de Redenção. Casas de alvenaria e de madeira também foram construídas na aldeia por conta desse contrato.

Em 1985, entretanto, após alguns meses sem receber a renda do ouro, os Gorotire fecharam o garimpo de Maria Bonita (parte do complexo Cumaru), que ficava em seu território, expulsando cerca de 5000 homens que trabalhavam no local. O ambiente da região entrou em grande confusão: fechamento de uma grande rodovia, saques ao comércio local, protestos de moradores e pressão de políticos sobre a Funai. O governo intercedeu, procurando convencer os Gorotire que reabrissem o garimpo. Os índios, entretanto, colocaram duas condições fundamentais: demarcação definitiva de seu território⁽¹¹⁾ e maior participação nas atividades e na renda do garimpo.

Seus objetivos foram alcançados e, pouco tempo depois os garimpeiros retornavam à atividade e os Kayapó tiveram a promessa oficial de ver, finalmente, a demarcação de seu território, emperrada desde 1980. Conseguiram, ainda, elevar a participação dos Gorotire sobre o ouro extraído: se antes recebiam 0,1%, passaram a receber, a partir de então, 5%.

Nesse momento, começa a ser consolidada uma "elite negociadora" no Gorotire, composta por jovens que tinham maior fluência no português, algum conhecimento em aritmética e familiaridade com modos de proceder dos Kuben. Estes jovens passaram a trabalhar em conjunto com os coordenadores do garimpo e na fiscalização da extração de madeira, podendo acompanhar de perto as minúcias das operações técnicas e trâmites financeiros. Além disso, tomaram a linha de frente nas negociações e reivindicações junto a Funai. Essa aprendizagem fez com que esta elite passasse a ser o instrumento privilegiado de articulação política entre os Kayapó e os Kuben.

A articulação inter-aldeias permitiu que os Kayapó tivessem certa unidade nas demandas para com o

governo brasileiro. Foi assim quando evitaram o depósito de lixo atômico na serra do Cachimbo, próximo à sua área. Também realizaram manifestações em Brasília, reivindicando junto aos Congressistas pela consolidação dos Direitos Indígenas durante a revisão constitucional. É o Encontro de Altamira, entretanto, que lhes dá maior visibilidade, inclusive internacional. Esse Encontro foi o ponto culminante de uma série de protestos, realizados pelos Kayapó, contra a construção de barragens na Bacia do rio Xingu, que afetaria várias aldeias indígenas. Afinal, conseguiram seu objetivo, com a suspensão dos empréstimos que o Banco Mundial destinaria para a construção do complexo hidrelétrico. Para detalhes, ver Ricardo (1996).

Nesse momento, estava em andamento o "Projeto Kayapó"⁽¹²⁾, sob coordenação do antropólogo Darrell Posey. Seu objetivo era a descrição e análise do conhecimento Kayapó sobre a natureza, ressaltando seu caráter "científico". O viés político de seu trabalho, segunda Posey, era o de combater o preconceito contra as populações indígenas, mostrando a riqueza de seu conhecimento sobre a natureza:

"Os pesquisadores aprenderam que especialistas nativos, que nunca estiveram em uma sala de aula, podem guiar até mesmo PhDs. (...) O Projeto Kayapó tem sido capaz de mostrar que o conhecimento tradicional oferece algumas das opções mais viáveis e promissoras para uso de recursos sustentáveis nos trópicos." Posey (1992: 19)

As principais decorrências do Projeto foram dezenas de publicações esparsas e a realização de duas exposições denominadas "*Ciência Kayapó.. Alternativas contra a destruição*"⁽¹³⁾. A primeira delas ocorreu no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG- Belém, Pará) em meados de 1987 e a segunda foi montada por ocasião da UNCED (United Nations Conference on Environment and Development), realizada no Rio de Janeiro em 1992. Uma família do Gorotire auxiliou a equipe de museologia do MPEG na elaboração e montagem das exposições. Gostaria de destacar uma passagem da primeira exposição⁽¹⁴⁾ para ilustrar a forma criativa e atuante pela

⁽¹¹⁾Território equivalente à Área Indígena Kayapó que inclui, além dos Gorotire, também as aldeias do Kikretum, Kubenkrankenh, A'ükre, Moikarakó e Kokraimoro. Nesse momento já fica evidente uma solidariedade entre as várias aldeias Kayapó, nos termos de Verswijver, e articulação política nas negociações com os Kuben.

⁽¹²⁾Entre 1982 e 1988, cerca de 20 pesquisadores de diversas áreas, fizeram parte do Projeto, cujas temáticas eram: plantas medicinais, agricultura, classificação e uso do solo, métodos de reflorestamento, pesticidas e fertilizantes naturais, comportamento animal, manejo de pesca, astronomia etc.

⁽¹³⁾É interessante notar que o Projeto Kayapó e as exposições "Alternativas contra a destruição" ocorreram no mesmo período em que as maiores quantidades de madeira e ouro eram retiradas da área Kayapó. Nenhuma das publicações decorrentes do Projeto problematiza a situação. Tampouco as Exposições abordam a questão de forma concreta.

qual os Kayapó Gorotire se apropriam do trabalho dos antropólogos e dos Projetos. Para os dias da exposição, a equipe organizadora havia convidado 40 índios para participarem das atividades. Em desacordo com as previsões e intenções da coordenação da exposição, 120 índios instalaram-se no ônibus e viajaram para Belém. Kayapó, implicando o aluguel de um veículo adicional. O impacto da presença e das apresentações que os Kayapó realizaram durante a exposição estiveram fora dos cálculos da equipe organizadora. O sucesso foi referendado pela maciça presença do público, cobertura total da imprensa e presença de várias autoridades, inclusive o governador do Estado do Pará.

A exposição tinha o objetivo de "homenagear" os Kayapó e combater os preconceitos contra os indígenas, mas era voltada para o grande público urbano. Apesar do convite para que um grupo de indígenas participasse do evento, este não era o esteio principal do acontecimento. Os Kayapó, entretanto, "burlaram" os objetivos colocados pela organização e, determinados a viajar e participar do evento, "invadiram" a exposição. Bem ao seu estilo, expuseram a si mesmos e representaram sua "cultura" através dos ornamentos corporais, cantos e danças; causando uma enorme sensação no público. Portanto, além de "perceberem a importância do próprio conhecimento" através do contato com o Projeto Kayapó, também perceberam o poder que a representação de sua cultura tem perante os Kuben de cidades grandes. O antropólogo Terence Turner é o responsável pela outra iniciativa realizada junto aos Kayapó Gorotire e de outras aldeias no final da década de 80. A idéia do "Projeto Vídeo Kayapó" surgiu no final da década de 80, quando o antropólogo retoma seu contato com os Kayapó. Percebeu que os gravadores K7 e as câmeras de vídeo representavam um importante papel no diálogo intra e inter-cultural dos Kayapó. Também foi procurado por vários indígenas solicitando que os apoiasse na obtenção de câmeras e na capacitação de sua utilização. Além disso, notou a enorme importância dada pelos Kayapó à documentação de sua cultura e de eventos significativos do contato com os Kuben, tal como o Encontro de Altamira, que pode acompanhar de perto. Isso estimulou o antropólogo a realizar o "Projeto Vídeo Kayapó", iniciado em 1989. Até o ano de 1991, enquanto o Projeto teve financiamento, algumas câmeras foram entregues às comunidades, vários Kayapó foram

treinados como cameramen, equipes foram levadas à São Paulo para a aprendizagem e efetuação da edição dos vídeos e o Arquivo de Vídeo Kayapó foi concretizado no Centro de Trabalho Indigenista (CTI).

Mais de vinte e cinco anos depois de seu primeiro contato com a realidade Kayapó, o antropólogo encontrou um contexto cultural de interlocução entre os Kayapó e sociedade envolvente muito distinto. A análise de Turner é que os Kayapó haviam sido extremamente eficientes em organizar-se, apresentar suas demandas e estruturar as relações com a sociedade envolvente, de modo a consolidar uma situação mais favorável do que aquela encontrada em outras populações indígenas. Para o antropólogo, os Kayapó, diferente daqueles que havia conhecida um quarto de século antes, eram "... *consummate ethnic politicians: fully engaged, defiantly confrontational, coolly calculating how far they could go without giving a plausible pretext for violent repression by the army or police, and extremely self-conscious of the cultural dimensions and meanings of their struggle for themselves.*" Turner (1991:311).

A consciência sobre a importância da própria cultura, e a possibilidade de "encená-la" perante os Kuben ("objetivação da cultura"), é apontado por Turner como um dos principais instrumentos dos Kayapó nesse novo contexto, no qual o vídeo assumiria uma importante função Segundo o antropólogo:

"A more profoundly significant point seemed to me that this ability to objectify themselves through the audiovisual media of the dominant culture went along with a new self-conscious objectification of the nature of their own culture as na object of political value and struggle." Turner (1992: 8)

Portanto, o "Projeto Vídeo Kayapó" integrava-se a esta nova visão do antropólogo sobre os Kayapó. Foi estimulado pela demanda que os índios exerceram sobre ele e constituía uma nova forma de relação entre o pesquisador e as comunidades; "intencionalmente intervencionista", como afirma o próprio Turner.

A postura atuante dos Kayapó determinou a criação de facetas inesperadas ao planejamento inicial, surpreendendo o antropólogo. Através do Projeto, foi viabilizada uma série de elementos: doação de câmeras de vídeo, capacitação em sua utilização, viagens a São Paulo, produção de filmes etc. Estes elementos, muito valorizados pelos índios, eram fatores de prestígio e

(14) Esta história me foi inicialmente contada pelo Prof Dr William Overall, do MPEG (Depto de Zoologia), membro do Projeto Kayapó e responsável pelo transporte do grupo de índios que iria à Exposição. Posteriormente, outros participantes da organização acrescentaram detalhes e comentários à narrativa inicial.

poder internos à estrutura política Kayapó. Em sua grande maioria, esses elementos foram “privatizados” pelas lideranças, e geraram situações conflituosas no seio das comunidades.

O contexto relacional Kayapó sofre nova alteração na virada da década de 80 para 90, com a proibição da extração de madeira e, posteriormente, da garimpagem em áreas indígenas. Os agentes do contato se reorganizam perante a nova situação da exploração dos recursos naturais. A Funai, até aquele momento, era um dos pivôs das negociações, gerenciamento e destinação dos recursos Kayapó, através da assinatura de contratos para extração de madeira e controle das quantidades extraídas e das coordenações dos garimpos. Com a proibição oficializada, não só deixaram de exercer essas tarefas, como passaram a coibi-la. Os Kayapó, sem outra opção de geração de renda, passaram a estabelecer contratos diretos com madeireiros e garimpeiros, sob comando da elite negocial. Esse processo fez com que várias famílias Kayapó fixassem residência nas cidades, principalmente Redenção.

Em relação ao trabalho dos antropólogos e dos pesquisadores em geral, parecem aumentar as demandas e cobranças dos Kayapó em geral, mais conscientes do escopo deste trabalho. Em paralelo à pesquisa, os antropólogos são cada vez mais cobrados por seu papel junto à comunidade e sobre qual contribuição concreta podem apresentar ⁽¹⁵⁾.

Considerações Finais

A trajetória histórica dos Kayapó nos indica que os novos contextos relacionais indígenas tendem a ser, cada vez mais, dinâmicos e heterogêneos. As relações entre os agentes desses contextos são movidas por interesses variados, muitas vezes antagônicos. Alianças e conflitos, disputas e negociações fazem parte deste cenário. As dificuldades contemporâneas das populações indígenas estão estreitamente relacionadas às relações que mantêm com a sociedade envolvente, nas quais geralmente participam em condições desiguais.

A trajetória de intensificação de contato vivenciada pelos Kayapó, desde o final dos anos 70, é um exemplo ilustrativo do quadro indígena contemporâneo. Seu território passou a ser “cercado” e invadido por fazendeiros, madeireiros e garimpeiros. O governo, através da Funai, manteve atuação instável e até antagônica em relação ao tratamento dos Kayapó. Enfim, a vida dos Kayapó já não pode ser pensada sem referir-se a este complicado contexto relacional regional.

O estreitamento das relações com os agentes da sociedade nacional, tendência dos contextos indígenas contemporâneos, faz com que os índios precisem adensar o conhecimento e consciência sobre seus interlocutores. Esse adensamento faz com que as populações indígenas passem a conhecer com mais detalhes os interesses, estratégias e possíveis contribuições daqueles com quem trava relações. Com isso, têm maiores condições de definir suas necessidades, apresentar suas demandas e estabelecer suas estratégias. Além disso, a organização política e social dessas populações passa por um processo de rearranjo para que as necessidades e objetivos perante o contexto relacional possam ser alcançados.

O surgimento da “elite negocial” entre os Kayapó e dos “embaixadores” Waiãpi, são exemplos desse rearranjo, que alterou significativamente sobre as relações políticas internas. No caso dos Kayapó, a participação ativa na coordenação das atividades econômicas, o contato com pesquisadores e ONGs e a proximidade aos trabalhos da Funai foram elementos de aprendizagem importantes que auxiliaram na consolidação dessa elite.

O caso dos Yurok, Waiãpi e Suyá versam sobre realidades muito diversas, mas todos convergem em um ponto: assim como os Kayapó, grande parte dos problemas e desafios que enfrentam derivam dessas relações com os agentes da sociedade envolvente. Essa constatação tem impacto sobre o ofício do antropólogo em pelo menos dois aspectos. Um de ordem mais teórica e conceitual e o outro relativo a sua dimensão política.

Em termos teóricos, a importância que os contextos

⁽¹⁵⁾Dentro desse contexto de relações é interessante destacar a experiência da antropóloga Isabelle Giannini, cujo trabalho é desenvolvido junto aos Xikrin do Cateté. Após a realização do mestrado junto a essa comunidade, foi requisitada pelos índios em diversas demandas concretas, entre elas a de assessorá-los nos conflitos que estavam tendo com os madeireiros. Com o apoio da antropóloga e do Núcleo de Direitos Indígenas (NDI), os contratos firmados foram legalmente suspensos e os madeireiros expulsos da área xikrin. A demanda por renda e mercadorias, anteriormente patrocinada pelos madeireiros, também incidiu sobre a antropóloga, que assessorou os Xikrin, em conjunto com Lux Vidal, nas negociações com a Companhia Vale do Rio Doce, cujos empreendimentos afetavam o território indígena. Isso garantiu um renda mensal para a comunidade, permitindo que a antropóloga desenvolvesse um Projeto de manejo Sustentável, subsidiado pelo Instituto Socioambiental (ISA), acarretando no Plano de Manejo, que possibilita a extração racional da madeira. Em decorrência de sua hábil relação com a comunidade, os contratos com os madeireiros nunca foram retomados, o que é um exceção entre os Kayapó. Nesse novo contexto Kayapó há ainda o trabalho de Gustaav Verswijver e de Vanessa Lea, que tiveram participação importante durante a demarcação da Área Indígena Mekragnoti e Metuktire.

relacionais têm para as populações indígenas faz com que sejam também relevantes em termos analíticos. Além disso, em decorrência do estreitamento das relações entre populações indígenas e sociedade nacional, em algumas situações fica difícil estabelecer a diferenciação nítida entre ambas. As etnografias clássicas sobre populações indígenas, muitas vezes focadas na “aldeia”, deixam de considerar esses aspectos. Desta forma, seria interessante adaptar essa abordagem, buscando incorporar a ela os aspectos relacionais e “externos” à sociedade pesquisada.

Sendo os antropólogos interlocutores das populações indígenas junto às sociedades nacionais, a dimensão política de seu trabalho também é influenciada pelo processo de desenvolvimento de consciência social das populações indígenas. Mesmo que essa dimensão não seja considerada em seu planejamento, os antropólogos acabam tendo que dialogar com as demandas indígenas no fluxo de sua pesquisa. Esse processo é intensificado conforme os índios conhecem melhor o escopo e as decorrências do trabalho dos antropólogos.

A experiência de Kawall Ferreira, nesse sentido, é paradigmática. O tema de sua pesquisa passou por negociação com os Yurok e foi escolhido de acordo com as demandas dos indígenas face a seu contexto relacional. A trajetória de trabalho de Dominique Gallois foi construída em constante diálogo com os Waiãpi, dentro das necessidades que encontravam em seus contextos relacionais. Entre os Kayapó, foi Terence Turner quem ressaltou com mais ênfase a consciência das populações indígenas sobre o trabalho do antropólogo e o que isso implica em termos práticos para os pesquisadores:

“The changes in Kayapó culture and in the social and political relation of the Kayapó to national and international society that has been described involved not only changes in structure and level of reflexive consciousness but also fundamental changes in the relation of the anthropologist to Kayapó culture and society. These changes included (here I speak for myself) a raising of consciousness on the part of anthropologist of the historical conditions and political implications of his own role analogous to the raising of Kayapó social and cultural self-consciousness that has been described.” Turner (1991:305)

Isso não quer dizer que as demandas dos indígenas sobre os pesquisadores não existiam anteriormente, como nos indica o caso citado de Lux Vidal. Durante sua pesquisa era sempre cobrada, pelos Xikrin, para levar mercadorias para a aldeia. Com o processo de adensamento da consciência indígena sobre os agentes com os quais

mantêm contato, as demandas em relação aos antropólogos tornam-se mais elaboradas.

Além disso, os antropólogos podem oferecer um interessante contraponto em relação à visão e ao tipo de relação que as populações indígenas têm com a população regional. O fato de apresentarem interesse em sua cultura, sua vida cotidiana, sua língua, sua realidade concreta é significativo e diferenciado em relação à população regional. Isso faz com que os índios percebam que um certo tipo de “branco” valoriza a sua cultura, e esse é um dos elementos centrais para o desenvolvimento da consciência social e da objetivação da cultura.

Para Turner, foram justamente esses os subsídios para as conquistas dos Kayapó em relação à sociedade brasileira. O “Projeto Vídeo Kayapó”, desenvolvido por Turner buscava fornecer instrumentos concretos para esse processo. O “Projeto Kayapó” e as exposições dele decorrentes, organizados por Darrell Posey, como já foi demonstrado, também procuraram contribuir a esse processo.

A atuação dos antropólogos, entretanto, é muitas vezes limitada pela falta de recursos e à evidente disparidade de forças em relação aos outros agentes dos contextos relacionais indígenas. Muitas vezes os efeitos de suas contribuições são pouco perceptíveis ou diluem-se em processos mais amplos. Mesmo as conquistas não são definitivas e devem ser mantidas a custo de muita luta cotidiana, como são os casos de Dominique Gallois com os Waiãpi e de Isabelle Giannini com os Xikrin.

Muitas atividades desenvolvidas por antropólogos junto a populações indígenas, entretanto, são passíveis de erros ou críticas. Além disso, nem sempre as intenções dos pesquisadores coincidem com as perspectivas dos índios e os projetos acabam tendo efeitos diferentes daqueles planejados. O negligenciamento de todo o contexto de exploração econômica na área Kayapó pelo “Projeto Kayapó” pelas exposições dele decorrentes pode ser um ponto passível de crítica. Além disso, os Kayapó souberam utilizar a oportunidade que tiveram nestas exposições para benefício próprio, de uma forma não imaginada pelos organizadores. No caso de Terence Turner, a “privatização” de boa parte dos recursos proporcionados pelo “Projeto Vídeo Kayapó” e os conflitos daí decorrentes foram efeitos negativos não planejados para o projeto.

Nem sempre, porém, os antropólogos concordam com as demandas indígenas. Não acatar as demandas, entretanto, não significa deixar de apresentar contribuições. Pelo contrário, a discordância pode ser

discutida, seus motivos argumentados e soluções alternativas apresentadas. Isso constitui um processo de diálogo entre pesquisador e comunidade, que pode ser positivo para ambas as partes.

O estabelecimento de um diálogo consciente passa pela consideração da dimensão política do trabalho do antropólogo. Ou seja, conceber a pesquisa com uma relação social, em suas várias instâncias. Seja no nível micro, no contato direto entre pesquisador e sujeito de pesquisa, na estrutura de relações estabelecida entre os próprios sujeitos de pesquisa ou também na rede de relações entre a população indígena e os agentes da sociedade nacional. Ao estar consciente dessa dimensão de seu trabalho, o antropólogo pode estabelecer diálogos efetivos com as populações indígenas e amplificar os resultados de seu trabalho.

O caso da pesquisa de Mariana K L Ferreira com os Yurok é muito ilustrativo. Ele mostra como algumas populações indígenas têm consciência da importância desse diálogo, "moldando" a relação com a pesquisadora a partir dele. Esse caso também nos indica um outro elemento sobre as demandas indígenas: a importância das informações.

São inúmeras as dificuldades que as populações indígenas enfrentam nos contextos relacionais contemporâneos. Passam a lidar com agentes, tecnologias, legislações, mercadorias e perspectivas muito diferentes. Para lidar com esse novo contexto é necessário conhecimento e processo de aprendizagem. Porém, esse processo depende da disponibilização de informações de um outro universo, ao qual os índios muitas vezes não têm acesso. As populações indígenas sabem que o antropólogo é originário de um universo cultural onde essas informações podem ser obtidas e que os pesquisadores podem servir de instrumento para obtê-las.

No caso dos Yurok, estabeleceram um plano de trabalho para a antropóloga baseado em necessidades específicas por informações que sabiam que a pesquisadora poderia proporcionar. Outras populações indígenas, entretanto, não possuem a mesma clareza que os Yurok sobre o trabalho do antropólogo. Poucas teriam condições de elaborar uma proposta de pesquisa com o nível de detalhes por eles apresentada. Porém, essa pode ser uma tendência.

Os antropólogos podem adiantar-se a estas demandas, assumindo o caráter relacional de sua pesquisa e incorporando à coleta de dados o fornecimento sistematizado de informações para seu sujeito de pesquisa. Assim, a pesquisa representaria uma relação

de dupla troca consciente, de diálogo e de intercâmbio de informações. A questão é saber se o aparato conceitual e metodológico que os antropólogos têm disponível é adequado para estabelecer processos de pesquisa baseados nesse diálogo consciente.

Como identificar as demandas por informações das comunidades? Como sistematizar essas informações? Como definir os modelos e estratégias para a transmissão dessas informações? Quais espaços físicos utilizar para este processo? Que materiais de apoio utilizar? Essas são questões que orientam a definição de um plano de diálogo com as comunidades pesquisadas e podem ser feitas em consonância com as questões que são normalmente formuladas para a definição do trabalho de campo tradicional: O que pesquisar? Qual tema? Qual sua relevância? Como desenvolver a pesquisa? Que métodos de levantamento de dados utilizar?

Talvez não haja uma fórmula pronta para realizar a adequação da metodologia e resolver estas questões. Talvez não haja apenas uma fórmula e as questões tenham que ser contextualizadas em realidades específicas. Sabemos que é limitado o poder dos antropólogos em relação aos outros agentes do contexto relacional. Entretanto, sua habilidade em lidar com informações e a importância que essas têm para as populações indígenas pode ser um caminho para amplificar esses poderes. Para tanto, é de grande valia estar consciente da dimensão política do trabalho do antropólogo, concebendo a pesquisa como uma relação social. Desta forma, em diálogo com os sujeitos de pesquisa, podem ser encontradas as fórmulas para o intercâmbio de informações. Adaptando, assim, o ferramental metodológico de pesquisa e ampliar o alcance do trabalho do antropólogo.

Sim, os antropólogos apregoam o anômalo, como disse Geertz. Traficam o estranho. São mercadores da perplexidade; mas sempre o fazem em duas vias, mesmo que não o saibam. Se trazem informações e conhecimento é porque também os levam. Se informam a "sociedade ocidental" sobre os "nativos" é porque também informam os "nativos" sobre a "sociedade ocidental". Bem, talvez o exótico não seja assim tão exótico como antes, mas isso não reduz as possibilidades do trabalho antropológico. Pelo contrário, considerar esse fluxo duplo de informações, ter consciência sobre sua dimensão política, do caráter relacional de seu trabalho, faz com que o antropólogo amplie as possibilidades do que faz. É aquele que traz, mas que também leva. Mercador do exótico, mas em duas vias.

Bibliografía

Ferreira, Mariana Kawall Leal

1996 "Sweet tears and bitter pills: The politics of health among the Yuroks of Northern California" Tese de Doutorado. University of California, Berkeley.

Gallois, Dominique

1993 "Jane Karakuri", o ouro dos Waiãpi: a experiência de um garimpo indígena" In: Sociedades Indígenas e transformações ambientais. Magalhães, Antônio C (org). Numa, Universidade Federal do Pará, Belém.

Geertz, Clifford

1988 "O Anti Anti-Relativismo" In: Revista Brasileira de Ciências Sociais n. 8, vol. 3.

Gordon Jr, César

1996 "Aspectos da organização social Jê: De Nimuendajú à década de 90" Dissertação de Mestrado em Antropologia, Museu Nacional, Rio de Janeiro.

Maybury-Lewis, David

1979 "Dialectical Societies. The Gê and Bororo of Central Brazil" (org). Harvard University Press.

Oliveira Júnior, Adolfo Neves

1995 "O faccionalismo Caiapó. Um exercício de investigação antropológica". Dissertação de Mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Posey, Darrell

1992 "Ciência Kayapó: Alternativas contra a destruição" In: Ciência Kayapó. Alternativas contra a destruição. Oliveira, Adélia E. e Hamú, Denise (org). Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.

Ricardo, Carlos Alberto

1996 "A sociodiversidade nativa contemporânea do Brasil" in Povos Indígenas do Brasil: 1991-1995, ISA, São Paulo.

Seeger, Anthony

1987 "Why Suyá sing. A musical anthropology of na Amazonian people". Cambridge University Press, Cambridge.

Turner, Terence

1991 "Representing, Resisting, Rethinking: Historical transformations of Kayapó Culture and Anthropological Consciousness". In: G Stocking (ed), Colonial Situations: Essays on the Contextualization of the Ethnographic Knowledge. Madison: The University of Wisconsin Press. pp. 285-313.

1992 "The social dynamics of Video Media in na Indigenous Society: The cultural meaning and the personal politics of Video-making in Kayapo communities" Datilografado.

Verswijver, Gustaav:

1992 "The club-fighters of the Amazon. Warfare among the Kaiapo Indians of Central Brazil" .. Rijksuniversiteit te Gent, Gent. Vidal, Lux:

1977 "Morte e vida de uma sociedade indígena brasileira. Os Kayapó Xikrin de Rio Cateté", Hucitec - Edusp, São Paulo

Los Araucanos en la Argentina: Un Caso de Interdiscursividad Nacionalista

Diana Isabel Lenton*

Introducción:

En un artículo ampliamente conocido, la investigadora Ana M. Alonso plantea que quienes trabajamos en torno a fenómenos como el nacionalismo, la etnicidad y la formación de los estados, tenemos como prioridad comprender la relación entre las categorías del sentido común y los procesos mediante los que tales categorías se producen y logran naturalizar su sentido (1994: 379). El objetivo de esta intervención es presentar una problemática que relaciona un tópico del discurso social con su paralelo en el discurso antropológico. Se trata de

la presencia y la actuación en Argentina de los grupos indígenas denominados "araucanos", tematizada tanto desde la Academia como desde la política.

Los comentarios que presento reconocen como antecedente directo una discusión encarada conjuntamente con mi colega Axel Lazzari acerca del concepto de "araucanización de los pampas" en el contexto de construcción de un género histórico-etnológico⁽¹⁾.

En esta oportunidad deseo enfatizar los efectos políticos e ideológicos que la noción de araucanización proyecta aún hoy en el sentido común y en algunos discursos

*Sección Etnología y Etnografía, Instituto de Ciencias Antropológicas, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Buenos Aires.